



Peirce e a abordagem do Self: uma perspectiva semiótica sobre a subjetividade humana, de Vincent Michael Colapietro

Luís Roberto Momberg Albano - Universidade de São Paulo | São Paulo | São Paulo |
Brasil | albano@usp.br |  <https://orcid.org/0000-0002-9021-5720>.



Vincent Michael Colapietro, grande leitor da teoria semiótica de Charles Sanders Peirce, desenvolve em sua obra Peirce e a abordagem do Self: uma perspectiva semiótica sobre a subjetividade humana, um percurso teórico explicativo que leva o leitor a entender, pelo ponto de vista da teoria sígnica peirceana, o modo como o ser humano, animal complexo que reside num universo feito de signos, percebe sua relação consigo mesmo e com o outro, capaz de compreender a si mesmo, de se enxergar, de se perceber como *self*.

RESENHA



Sua obra é dividida em cinco capítulos, em que Colapietro discorre gradativamente sobre sua visão do signo e sua relação com o ser humano, partindo de uma visão mais generalista da teoria peirceana até a especificidade da aplicação desta teoria à subjetividade humana.

Em seu primeiro capítulo, *A teoria dos signos de Peirce é verdadeiramente geral?*, Colapietro defende a conceituação de que a teoria sígnica peirceana pode ser aplicada não somente aos movimentos da mente humana, sendo de aplicação geral para a compreensão do funcionamento do universo. Para tanto, o autor debate pontos levantados por outros semioticistas, como David Savan, Beth Singer, Justus Butchler e T. L. Short, que entendem a semiótica peirceana como ferramenta de compreensão mental das relações da escrita e da fala. Singer, em especial, sugere que o objeto da tríade signo-objeto-interpretante, proposta por Peirce, seja interpretada como signo-interpretante-interpretação, pois os objetos só poderiam ser considerados signos no processo semiótico mediante interpretação mental de um alguém exposto a signos. Colapietro não só reforça a importância do objeto para Peirce, no processo semiótico, como indica que é justamente o objeto dinâmico, dada sua relação com o signo, que denota o potencial de mediação deste com o universo, pois as possibilidades dadas por ele independem da interpretação humana: estão lá, independentemente de representação para a mente humana. Os signos, conforme reforça Colapietro, pela leitura das obras de Peirce, é significativo independentemente dos processos mentais humanos, seu potencial independe de um intérprete antropomórfico. “Uma teoria verdadeiramente geral dos signos mostrará que a semiose é mais ampla do que ‘representação’; [...] uma teoria verdadeiramente geral também mostrará que a mediação é mais profunda do que a interpretação; como Peirce legitimadamente insiste, o mundo é significativo independentemente de nossos esforços para lhe dar sentido” (p. 63).

No segundo capítulo, *Semiose e subjetividade*, Colapietro defende a validade da teoria geral dos signos para o entendimento do *Self*, que



contempla questões relativas à subjetividade humana, à compreensão do homem consigo mesmo e com o universo. Em sua defesa, o autor critica a visão de Umberto Eco acerca da amplitude da teoria semiótica peirceana para a compreensão dos fenômenos mentais. Segundo Eco, ao tentar abarcar todas as ações do universo como semiose, Peirce incorreria no erro de criar uma teoria idealista, não pragmaticista. Em seu entendimento, nem tudo deve ser considerado signo, apenas algumas condições comunicacionais deveriam ser, não dando à teoria semiótica peirceana boa robustez para o estudo da mente humana. Colapietro debate que, para Peirce, a compreensão da subjetividade humana, o *Self*, também seria um signo sujeito às ações da semiose no universo, fazendo com que o homem se fizesse signo. “Para Peirce, o *self* é um signo. A forma como ele elabora as implicações desta visão sugere uma estrutura ampla para o entendimento da subjetividade humana” (p. 84). Esse homem-signo, sujeito à semiose, tende a realizar conexões com outros homens e com os existentes no universo, os signos-coisa, percebendo-se como parte de um todo e evoluindo graças a essa condição sígnica.

Em seu terceiro capítulo, A relevância da semiótica para a psicologia, o autor dá continuidade ao tratado no capítulo anterior, levando o leitor a um entendimento da relação existente entre as teorias psicológicas e a teoria semiótica de Peirce. Destaca que ambas contribuíram para um desenvolvimento mútuo, porém, permanecendo como disciplinas interdependentes. Sugere que a compreensão do processo semiótico, a semiose, pode ser utilizada para um melhor entendimento da mente humana, tendo em vista que os interpretantes gerados na semiose da mente humana se relacionam com o universo e indicam os meandros pelos quais o pensamento e raciocínio humano se dão. Segundo a leitura de Colapietro da teoria Peirceana, os interpretantes lógicos iniciais e finais indicam esforços voluntários e disposições adquiridas, respectivamente. Ou seja, é através dos interpretantes que os animais tomam decisões e definem seu caráter de intencionalidade, através da semiose. Sugere ainda



que a aplicação da teoria semiótica na psicologia abriria caminho para um novo tipo de investigação psicológica. “Ver a psicologia em parte como uma aplicação da teoria geral dos signos a um âmbito particular de fenômeno (ou seja, o comportamento intencional de animais) é abrir caminho para a investigação de uma maneira que nenhuma outra concepção desta disciplina faz” (p. 104).

Em seu quarto capítulo, Peirce e a explicação do Self: uma perspectiva cronológica, Colapietro traça, historicamente, dentro da obra de Peirce, a conceituação de evolução e como esta faz parte do processo semiótico. O desenvolvimento da mente humana e o *Self*, bem como das substâncias e organismos em geral são contemplados no processo semiótico, tendo sua construção e constituição dependente do encadeamento sígnico. O desenvolvimento da mente humana, que para Peirce independe de um “organismo”, se dá pela evolução do processo semiótico quando comparações são feitas e nos entendemos como parte de um processo com regras e leis. O *Self* é um tipo de mente que passa por esse processo de evolução, adquirindo autocrítica, autoconsciência e autocontrole.

Em seu quinto e último capítulo, Interioridade e autonomia, Colapietro encerra a abordagem do Self, tratando da consciência. Em sua leitura de Peirce, o autor compreende que o desenvolvimento da mente e do *Self* depende da relação que este tem com o meio externo: nosso mundo interior só se desenvolve através do contato com o mundo exterior. “A interação dos mundos interior e exterior consiste essencialmente em *experiência* (a ação direta do mundo exterior sobre o interior) e *deliberação* (a ação direta do mundo interior sobre o exterior por meio de operação de hábitos) (p. 174). Essas ações acontecem durante o processo semiótico, levando ao desenvolvimento mental e à autonomia. O processo de troca propiciado pela semiose garante os processos abstrativos mentais que fortalecem o autocontrole em busca da racionalização. No entanto, a consciência é algo individual, inatingível para um terceiro, a não ser através da comunicação.



A obra de Colapietro contribui bastante para a compreensão do papel da teoria de Peirce no que tange a subjetividade humana e a maneira como esta pode ser trabalhada por outras ciências. Além disso, a percepção de que o processo semiótico permeia o universo e que o ser humano faz parte deste, tendo sua mente e seu *Self* moldados pelo movimento dos signos, faz com que entendamos melhor o indivíduo não somente como ser coletivo, dependente do contexto e dos outros que o circundam, mas também como ser singular, com características oriundas de suas semioses, mediadas pelo contexto de sua existência e de sua relação com os signos do universo.

Referências

COLAPIETRO, V. M. **Peirce e a Abordagem do Self**: uma perspectiva semiótica sobre a subjetividade humana. São Paulo: Intermeios, 2014.